

***Dive tourism* – Um mergulho conceitual**

Ambrozio Correa de Queiroz Neto¹

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ

Resumo: O *dive tourism* (turismo de mergulho) é um dos segmentos de mercado com maior crescimento no *trade* turístico no Mundo. Segundo a Organização Mundial do Turismo, a atividade cresce em níveis superiores às outras segmentações turísticas. Embora haja um ambiente propício para o crescimento da atividade de turismo de mergulho no mundo e no Brasil, a atividade carece de discussão acadêmica sobre o tema. Este artigo tem o objetivo de apresentar o estado da arte acerca dos conceitos e definições do *dive tourism* em nível internacional e nacional, servindo de base para fomentar futuras discussões científicas sobre o tema.

Palavras-chave: Turismo de mergulho; *scuba*; turismo subaquático; conceitos; definições.

1. Introdução

O presente artigo tem o objetivo de apresentar o estado da arte dos conceitos e definições do *dive tourism* (turismo de mergulho) em níveis internacional e nacional. É parte do projeto de pesquisa cadastrado no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET/RJ, intitulado *Turismo de Mergulho na Ilha Grande – RJ* onde o objetivo é investigar a atividade de turismo de mergulho e seus impactos socioeconômicos, ambientais e culturais na Ilha Grande em Angra dos Reis/RJ, um dos principais locais para a prática no Estado do Rio de Janeiro.

Para a realização desse trabalho foram utilizados os métodos da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo com entrevistas com mergulhadores recreativos certificados residentes na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro.

¹ Docente e Coordenador do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo do CEFET/RJ. Bacharel em Turismo (UNIPLI), Especialista em Marketing (UCAM) e Mestre em Tecnologia (CEFET/RJ). Mergulhador certificado pela *Confédération Mondiale des Activités Subaquatiques* (CMAS) desde 2005. E-mail: ambrozio.queiroz@gmail.com

2. Antecedentes históricos do mergulho recreativo

O ato de mergulhar em apneia vem sendo realizado, há séculos, por homens e mulheres por diversos fins: alimentação, busca por esponjas, reparos de navios, observação da vida marinha, ações militares, etc. Há relatos, nas narrativas do historiador Heródoto do 5º século a.C., das façanhas subaquáticas realizadas pelo compatriota grego Scyllias contra os persas. Quando Scyllias, mantido como prisioneiro a bordo de um navio do Rei persa Xerxes, decide fugir jogando-se ao mar. Os persas acharam que Scyllias havia se afogado. No entanto, Scyllias usou um junco oco (canudo) como se fosse um respirador (*snorkel*) e permaneceu escondido durante o dia, esperando a noite para cumprir seu plano de fuga (McARDLE et al, 2001).

Durante muitos séculos, a atividade de mergulho permaneceu basicamente como era no tempo de Heródoto, Scyllias e Xerxes. A utilização de respiradores (*snorkels*) mais longos, visando atingir uma profundidade maior, não funcionava, pois o mergulhador não conseguia inalar contra a pressão da água em profundidades superiores a um metro. Embora tenham havido diversas invenções tecnológicas para aperfeiçoamento da atividade mergulho², somente em junho de 1942, durante a II Guerra Mundial, Jacques-Yves Cousteau (tenente da Marinha francesa) e Emile Gagnan (engenheiro de uma companhia de gás natural francesa) desenvolvem, mediante a alteração de um regulador de automóvel alemão movido a gás natural, uma válvula para prover ar comprimido a um mergulhador. Eles conectaram este novo invento à mangueira, à peça bucal e a um par de tanques de ar comprimido, definido pelo acrônimo em inglês (SCUBA - *self-contained underwater breathing Apparatus*)³ foi patenteado como *Aqua Lung*. Jacques Cousteau recebe aclamação mundial por suas inovações tecnológicas (câmeras e veículos subaquáticos), explorações subaquáticas, filmes, livros e dedicação às causas do meio ambiente (Portal Cousteau, web).

Mark Oram (1999) afirma que o scuba é a mais importante invenção no que diz respeito ao turismo marinho. Sua afirmação não está baseada somente porque sua invenção possibilitou que o homem respirasse embaixo da água e resultou numa indústria multibilionária, mas devido ao fato de ter facilitado a mudança de atitude do homem

² Campânula de Halley em 1690, aeróforo de Rouquayrol & Denayrouse em 1865, o capacete de mergulho Mark V – escafandro desenvolvido pela *U.S Bureau of construction and Repair* em 1917

³ Tradução livre do autor: equipamento autônomo de respiração subaquática.

sobre o mundo marinho. Antes do advento do *scuba*, o mundo marinho permaneceu em grande parte inexplorado e misterioso. Esta incerteza e inacessibilidade resultavam numa tendência pouco atrativa das pessoas em participar de atividades na água. Logo, o impacto causado por filmes, vídeos, fotografias e programas de televisão (os mais relevantes produzidos por Jacques Cousteau) sobre o mundo marinho, proporcionou uma busca não somente por usar/testar o equipamento *scuba* mas por explorar o mundo subaquático. A demanda por *scuba*, de certa maneira, resultou em diversas possibilidades de se explorar o mar com fins de recreação. Sendo capaz de transformar a imagem do mar de um estranho, inóspito e ameaçador local para um fascinante, agradável e, mais importante, acessível local.

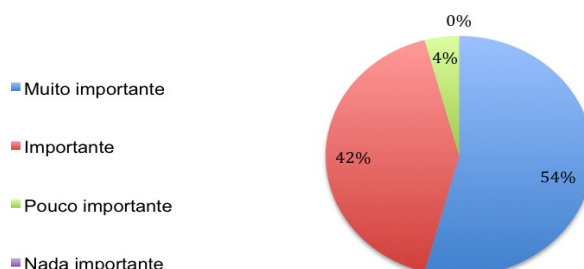
3. Relações Mergulho e Turismo

Em pesquisa⁴ realizada com mergulhadores certificados residentes na Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro⁵, constatou-se que para 54% dos entrevistados a atividade de mergulho é uma atividade *muito importante* na vida do mergulhador, 42% dos entrevistados consideram *importante*, 4% afirmam que tem *pouca importância* e nenhum dos entrevistados afirmou que a atividade de mergulho é *nada importante* (Gráfico 1). Esse dado é de grande valia para entender qual o nível de relação que a atividade de mergulho recreativo tem na vida do mergulhador certificado.

⁴ A Pesquisa foi realizada durante os meses de maio e junho de 2012 somente com mergulhadores certificados para mergulhos recreativos. Foram ouvidos 29 mergulhadores das principais certificadoras mundiais: CMAS, PADI, NAUI e SSI.

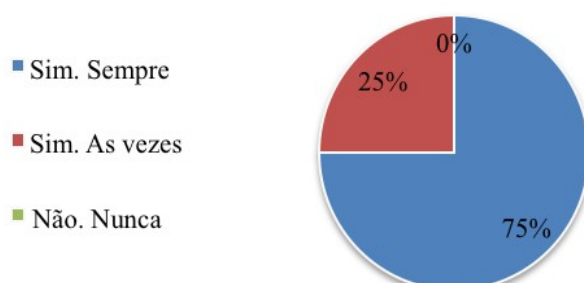
⁵ A Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro é composta pelos Municípios do Rio de Janeiro, Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaboraí, Japeri, Magé, Maricá, Mesquita, Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São Gonçalo, São João de Meriti, Seropédica, Tanguá e Itaguaí.

Gráfico 1 – Nível de importância da atividade de mergulho recreativo na vida do mergulhador certificado.



Frequentemente, mergulhadores certificados realizam viagens com o intuito de praticarem o mergulho. Foi perguntado aos mergulhadores se a prática de mergulho influencia nas decisões de viagens de turismo, e com qual intensidade. Todos os mergulhadores (100%) entrevistados afirmaram que a prática de mergulho influencia nas decisões de viagens a turismo. Para 75% dos entrevistados, a prática do mergulho influencia *sempre* a tomada de decisão sobre o local de viagem. 25% dos entrevistados informaram que a prática do mergulho influencia *às vezes*. Nenhum dos entrevistados informou que a prática de mergulho *nunca* influencia nas tomadas de decisão de viagens (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Influência da prática de mergulho nas decisões de viagens à turismo



Segundo a Organização Mundial do Turismo – OMT (2001), o turismo de mergulho recreativo é um dos setores com maior crescimento no trade turístico mundial.



De acordo com a certificadora americana *Professional Association of Diving Instructors* – PADI, Associação Profissional dos Instrutores de Mergulho (2011), uma das principais certificadoras do Mundo, no ano de 2011, mais 930 mil certificações PADI foram emitidas em todo mundo. Acumulando, desde sua fundação em 1967, mais de 20 milhões de certificações.

A OMT (2001) destaca que o turismo de mergulho apresenta capacidade para crescer tanto quanto a principal atividade turística dedicada à prática de esporte: turismo de esqui. Em 2001 existiam aproximadamente 25 milhões de praticantes de esqui *downhill* (no Brasil chamado de descida livre), contabilizando ainda mais de 10 milhões de praticantes de *snowboard*, *cross-country skiers*, *sledding* e *snow-biking*. Atualmente, o turismo de mergulho ocupa o segundo lugar dos tipos de turismo dedicados à prática de esporte.

Embora não haja dados mais recentes, em 2005 estimou-se que no Brasil existiam 65 mil mergulhadores certificados realizando regularmente pelo menos 12 mergulhos por ano e 15 mil novos mergulhadores sendo certificados a cada ano. Ainda em 2005, a atividade movimentou aproximadamente US\$ 6,5 mil em venda de equipamentos e mais de US\$ 15 milhões em viagens e turismo em território nacional (MTur, 2005).

O Brasil possui cerca de 8.500 quilômetros de costa, 35 mil quilômetros de vias internas navegáveis, 9.260 quilômetros de reservatórios de água doce, lagos e lagoas; é banhado por correntes oceânicas favoráveis, conta com um clima propício ao esporte e ao lazer náutico além de possuir uma infinidade de paraísos naturais intocados. Todos esses fatores proporcionam ao Brasil um dos maiores potenciais para a prática do que o Ministério do Turismo entende como Turismo Subaquático (Turismo subaquático, web).

Como se pôde observar, em termos absolutos, o número de praticantes de mergulho é bastante significativo tanto no Brasil, quanto no mundo. Se acrescentarmos a influência da prática de mergulho nas decisões de viagens turísticas ao potencial que o Brasil tem para a atividade, o turismo de mergulho apresenta uma significativa projeção de futuro para os próximos anos.

No entanto, mesmo com dados e números significativos, o tema turismo de mergulho não aparenta ter a mesma importância na comunidade acadêmica. A escassa literatura específica sobre o tema apresenta um número muito pequeno de estudos científicos em

periódicos ou capítulos em livros que estudem as relações do fenômeno turístico com as zonas costeiras, esportes náuticos ou esportes de aventura. Muitos dos estudos encontrados nas revistas científicas relativos à prática de mergulho estão relacionados a diferentes enfoques: medicina, robótica, engenharia, ecologia, economia, etc. Pode-se destacar, na escassa literatura existente que, as abordagens mais convencionais e significativas estão ligadas aos impactos ambientais gerados pela prática do mergulho (PEDRINI, 2008 e ROUPHANEL & INGLIS, 1997).

4. *Diving Tourism* – Conceitos e definições

Garrod & Gössling destacam a dificuldade de se propor uma definição para turismo de mergulho por haver diferentes tipos de tecnologias que influenciam em diferentes experiências de interação com o ambiente marinho. As principais são flutuação (*snorkelling*), mergulho livre e mergulho recreativo (*scuba*). Embora sejam modalidades diferentes, em muitos casos um mesmo indivíduo pode praticá-las em momentos distintos, inclusive durante uma viagem.

A flutuação (*snorkelling*), normalmente é o portal de entrada para tornar-se um mergulhador certificado. Para a prática da flutuação necessita-se basicamente de uma máscara para observar claramente debaixo d'água, um *snorkel* (canudo oco de silicone ou borracha em forma de J) e nadadeiras para impulsão/propulsão. Consiste em ficar observando a flora e a fauna marinhas permanecendo basicamente na superfície da água.

O mergulho livre, assim como a flutuação (*snorkelling*) é uma das modalidades que menos demanda equipamentos. Máscara, snorkel e nadadeiras são usados e, acrescidos a eles, uma pequena quantidade de lastro - normalmente fixados na cintura por um cinto - é usada para auxiliar na submersão. Diferente da flutuação, o praticante do mergulho livre objetiva permanecer debaixo d'água o máximo de tempo possível sem respirar (apneia). Com a prática é possível permanecer alguns minutos debaixo d'água sem respirar.

O mergulho recreativo (*scuba*), como citado anteriormente, é uma consequência natural de quem pratica flutuação e mergulho livre e deseja ter uma experiência mais completa e em maiores profundidades. Requer uma quantidade significativamente maior de

equipamentos do que as modalidades apresentadas anteriormente. Além da máscara, *snorkel* (recomenda-se mantê-lo por medida de segurança), nadadeira e lastro são necessários roupas de mergulho que auxiliam na flutuabilidade e na segurança do mergulhador, colete equilibrador, cilindro de ar comprimido, regulador de demanda (ou simplesmente regulador), sistema alternativo de gás respirável (*octopus*), manômetro submersível (para medir a pressão de ar no cilindro) e profundímetro (estes dois últimos itens podem ser substituídos por um computador específico para mergulho). Outra característica do mergulho recreativo (*scuba*) é que o mesmo demanda de treinamento e certificação. É necessário realizar um curso em escolas credenciadas a certificadoras internacionais para obter a certificação, que é exigida por operadores de mergulho no mundo inteiro para se realizar um mergulho recreativo.

Garrod & Gössling destacam ainda outras modalidades de mergulho, como o uso *rebreathers* (sistema autônomo de reciclagem de gases, também chamados no Brasil de reguladores de circuito fechado – não emitem bolhas ao respirar facilitando o contato com espécies marinhas), *snuba* (sistema americano patenteado que permite uma fusão de *snorkel* e *scuba*), *diver propulsion vehicle* (DPV) ou *scooter* (mergulho com veículo de propulsão subaquático) e *sled* (mergulhadores seguram em uma base aerodinâmica e são puxados através de cabo por um barco rápido em um sistema que permite um passeio veloz subaquático) (2008).

Muitos dos mergulhadores mergulham simplesmente por diversão/prazer, aproveitando a liberdade de estar embaixo d'água⁶, observando o fantástico mundo subaquático, socializando com outros participantes e contando as aventuras vividas no retorno para o seu convívio social. Esse tipo de praticante pode ser definido simplesmente como mergulhador recreativo. No entanto, entre os mergulhadores recreativos há ainda um número significativo de mergulhadores especialistas distintos. Incluem-se nesse caso várias formas de “mergulhos técnicos”⁷ (mergulhos em ambientes desafiadores como mergulho em cavernas, mergulho em paredes, mergulho em naufrágios, mergulho em

⁶ A prática de mergulho recreativo embora envolva uma técnica sistemática de prevenção de acidentes. É uma atividade extremamente prazerosa. A flutuabilidade neutra (causada quando o peso do mergulhador é igual ao de empuxo) proporciona ao mergulhador uma condição de liberdade popularmente chamada entre os mergulhadores de “nirvana submarino”.

⁷ Garrod & Gössling se referem a mergulho técnico como uma atividade de mergulho recreativo que requer um treinamento especial para executá-la. Tal destaque é importante pois, no Brasil, o termo mergulho técnico refere-se as atividades de mergulho profissional regulamentadas pela Marinha do Brasil através da NORMAM 15/DPC.

altitudes, mergulho em águas congeladas, mergulho noturno e *drift diving*⁸): fotógrafo e cinegrafista subaquático; mergulho com mamíferos marinhos como baleias, golfinhos, focas e leões marinhos; pesquisas geológicas e arqueológicas; resgate subaquático, etc. Garrod & Gössling destacam que alguns autores consideram que os “mergulhadores técnicos” são uma derivação do mergulhador recreativo, enquanto outros separam os dois por acreditarem que há grande demanda em termos de conhecimentos, habilidades, equipamentos e esforço físico dos “mergulhadores técnicos” (ibidem).

Diante do exposto, a definição de turismo de mergulho é complexa e em muitos casos, os conceitos e abordagens não apresentam uma visão das diferentes possibilidades. Vejamos abaixo como os conceitos são definidos por diversas fontes internacionais e nacionais.

A OMT define *scuba-diving tourism* (turismo de mergulho recreativo ou *scuba*) em língua inglesa como compreendendo

*persons traveling to destinations with the main purpose of their trip being to partake in scuba diving. The attraction of the destination is almost exclusively related to its dive quality rather than any other factor, such as the quality of accommodation or land-based attractions*⁹
(2001)

A definição proposta pela OMT está focada na modalidade de mergulho recreativo (*scuba*). De acordo com a OMT, o chamado turismo de mergulho deve contemplar somente os mergulhadores recreativos certificados para uso do *scuba*, excluindo assim, toda a gama tipológica de práticas apresentadas anteriormente. Não levando em consideração os praticantes de flutuação e mergulho livre, por exemplo.

Há uma outra questão sobre o enfoque dado pela OMT somente ao mergulho *scuba*. A atividade de mergulho *scuba* segue uma quantidade expressiva de regras quanto à segurança do mergulhador, seja antes da atividade (evitar consumo de gorduras e bebidas alcólicas), durante a atividade (procedimentos de compressão e descompressão, dentre outros) e depois da atividade (cálculos de descompressão). Indica-se não viajar de avião no período anterior a 24hs após o último mergulho realizado pois tal ação poderia aumentar as chances do mergulhador sofrer mal da descompressão durante o

⁸ Sem definição ainda no Brasil, *drift diving* é uma modalidade de mergulho onde o mergulhador busca entrar em rios e correntes oceânicas, através de cavernas ou não, seguindo o fluxo natural de correntes subaquáticas.

⁹ Tradução livre realizada pelo autor: “pessoas que viajam para destinos com o principal objetivo da sua viagem estar realizando uma atividade de mergulho. A atração do destino é quase que exclusivamente relacionada com a qualidade de mergulho ao invés de qualquer outro fator, como qualidade das acomodações ou atrações em terra.” (2001)

voo (quando o nitrogênio dissolvido sai da solução e forma bolhas nos tecidos e líquidos corporais) podendo levar à morte.

Assim como a OMT, a Tourism Queensland (apud Dimmock, 2007) atrela o turismo de mergulho à prática do mergulho recreativo (*scuba*). Desta forma, ela define turismo de mergulho como “a viagem onde pelo menos uma expedição de mergulho *scuba* é incluída”.

Na definição da Tourism Queensland embora o foco esteja na prática de mergulho recreativo, não há a exclusividade do praticante em somente fazê-lo. O simples fato do turista regular realizar um mergulho recreativo é o suficiente para caracterizá-lo como turista de mergulho.

Garrod & Gössling (2008), com o intuito de promover uma definição conceitual que esteja mais próxima da realidade, levando em conta a complexidade que envolve as peculiaridades da prática de mergulho, afirmam em língua inglesa que

*diving tourism involves individuals travelling from their usual place of residence, spending at least one night away, and actively participating in one or more diving activities, such as scuba diving, snorkelling, snuba or the use of rebreathing apparatus.*¹⁰

A definição proposta por Garrod & Gössling apresenta a obrigatoriedade de considerar como turista de mergulho o sujeito que ativamente participe de atividades de mergulho (*scuba*, *snorkelling*, *merguho livre*, *snuba*, etc) e passe pelo menos uma noite fora do seu local de residência.

Esta definição reconhece que há diferentes tipos/modalidades de mergulho, pois habitualmente os sujeitos participam de uma ou mais modalidades de mergulho. Como dito anteriormente, muitos dos praticantes das atividades de mergulho, quando em viagem, participam de uma ou mais modalidades: podem praticar o mergulho recreativo durante a manhã e passar a tarde praticando mergulho livre ou *snorkelling*, vide problemática citada acima sobre o mal da descompressão.

Outro fator importante é que muitos dos mergulhadores recreativos certificados começaram a mergulhar através das modalidades de *snorkelling* ou mergulho livre ainda jovens, em viagens em família. E, a medida em que se desenvolvem profissionalmente e

¹⁰ Tradução livre realizada pelo autor: turismo de mergulho envolve indivíduos que viajam de seu lugar habitual de residência, para passar pelo menos uma noite fora, e participando ativamente de uma ou mais atividades de mergulho, como mergulho recreativo ou *scuba*, *snorkeling*, *snuba* ou o uso de reguladores com sistema de reciclagem de gases (*rebreathers*)

financeiramente podem adquirir os equipamentos de mergulho e as certificações. Desta forma, pode-se afirmar que há um percurso evolutivo na prática de mergulho.

Pode-se destacar também, o fato de que pela definição proposta por Garrod & Gössling, o turista de mergulho é aquele que ativamente participa das atividades de mergulho e não *exclusivamente* conforme a definição da OMT. Para Garrod & Gössling, mesmo o turista que em uma opção de viagem pratica a atividade de mergulho como atividade de segundo plano é considerado também turista de mergulho.

Em locais onde a prática de mergulho recreativo é oferecida como produto ou serviço, é bastante comum observar passeios turísticos subaquáticos para pessoas não certificadas/habilitadas. O objetivo é proporcionar ao cliente/turista uma experiência subaquática com o uso do sistema scuba. Dimmock (2007) destaca a importância de tais “experiência subaquáticas”, chamadas no Brasil de “mergulho de batismo”, onde um mergulhador não certificado é acompanhado de perto por um instrutor a uma profundidade máxima de 12 metros após um treinamento mínimo, composto por uma palestra (muitas vezes realizadas no barco) e treinamento prático simples visando proporcionar uma familiarização com os equipamentos de mergulho e o ambiente marinho. Este tipo de produto turístico tem importância significativa no número de clientes das operadoras de turismo. São turistas que ocasionalmente usufruem da prática de mergulho, não vieram da origem necessariamente programados para consumirem esse tipo de produto. Logo, se faz necessário destaca-los como clientes e também incluí-los nas discussões conceituais como praticantes do turismo de mergulho.

Acredito que um dos pontos a se discutir na definição Garrod & Gössling é que a mesma não leva em consideração as viagens sem pernoite. Faz-se mister lembrar que a maioria dos mergulhadores recreativos estão situados nos países desenvolvidos no hemisfério norte, sendo um terço deles europeus e muitos outros norte-americanos. Também não passa despercebido, em tal definição, que os principais locais para a prática de mergulho estão situados em zonas tropicais, onde as águas são mais quentes e com maior diversidade de corais. Ou seja, em muitos casos, a prática de mergulho recreativo vai requerer necessariamente uma viagem internacional, o que não necessariamente é o caso dos praticantes desta atividade no Brasil.

No Brasil, as definições sobre turismo de mergulho são igualmente escassas e não apresentam a profundidade teórica que a matéria necessita. Pode se destacar que não há

coerência de termos e definições entre as fontes pesquisadas, algumas questões são relativas a problemas de tradução ou adoção de diferentes conceitos.

No Relatório de Viagem Técnica ao México, com o objetivo de aprender com as experiências internacionais dos prestadores de serviço de turismo de mergulho, o Ministério do Turismo (2005) define o conceito de mergulhador turista e turista mergulhador.

O mergulhador turista é um mergulhador já credenciado, que tem como objetivo principal de sua viagem a busca por um destino de mergulho e a realização do mesmo, independente das condições oferecidas para tal. O turista mergulhador é aquele que procura um destino turístico de seu agrado, e pode vir a mergulhar se o produto for oferecido. Muitas vezes não possui experiência na atividade e geralmente não é credenciado. Depende da influência de terceiros para praticar a atividade.

É comum observarmos definições relativas à prática de mergulho recreativo atrelada a viagens como sendo uma atividade relacionada a ecoturismo e turismo de aventura. Sob esta ótica se destaca a “*Carta da Ilha Anchieta*”(2001), resultado do *workshop* “Diretrizes para Prática do Mergulho Recreativo, Turístico e de Lazer (RTL) em Unidades de Conservação (UC)”, que foi criada com a intenção de colaborar com o processo de valorização das áreas marinhas e das águas de interiores.

A *Carta da Ilha Anchieta* classifica o mergulho recreativo como *mergulho recreativo, turístico e de lazer* (RTL), define as diretrizes para a prática em Unidades de Conservação (UC), apresenta os diferentes tipos de ambientes para a prática de mergulho recreativo: águas interiores (cavernas; rio, lagos e represas) e ambientes marinhos (recifes; costões rochosos; fundos não consolidados e recifes artificiais). Também são apresenta as diferentes modalidade de mergulho recreativo, turístico e de lazer, divididos em mergulho livre (*snorkelling*; apneia; pesca ou caça submarina e motorizado – mergulho a reboque) e autônomo (foto/vídeo; contemplativo – guiado ou não guiado); eventos sub; motorizado (uso de DPV); treinamento (cursos incluindo batismo e avançado); não recreativo turístico ou de lazer (mergulho científico; profissional ou técnico).

Por outro lado, com base nas normas internacionais ISO, a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT (2008) define mergulho recreativo como a “atividade praticada com equipamento de respiração autônomo, com objetivos contemplativos e de desenvolvimento pessoal”

Segundo a definição da ABNT¹¹, os mergulhos recreativos são exclusivamente aqueles em que o sujeito utiliza um sistema scuba (embora não esteja explícito no documento). Na descrição dos equipamentos de mergulho da norma ABNT NBR ISO 24803:2008 pode-se perceber que se trata de um equipamento scuba: nadadeiras, máscara, *snorkel*, regulador de demanda (também conhecido como regulador), sistema alternativo respirável (*octopus*), cilindro, sistema de suporte para o cilindro, colete equilibrador, lastro, manômetro submersível (medidor da pressão do gás respirável do cilindro), profundímetro (medidor de profundidade) e roupa de mergulho (se apropriado).

De outra forma, para a definição da atividade de mergulho, a Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura – ABETA (2009), utiliza a supracitada definição proposta pela ABNT. No entanto, ao avançar nas definições, a ABETA, diferente da ABNT, considera o mergulho em apneia (*snorkelling* e mergulho livre)¹² como modalidade de turismo de mergulho.

Nessa atividade, ocorre a submersão em águas oceânicas ou interiores (cavernas, lagos, rios etc.) com ou sem aparelho para auxílio. Para o Turismo de Aventura, consideram-se os mergulhos com fins recreacionais ou contemplativos, que englobam os de apnéia (suspensão temporária da respiração) e os autônomos (praticados com o auxílio de equipamentos que permitem a respiração submersa).

Em 2012, o Ministério do Turismo em seu site na *internet* destacou que a modalidade de turismo subaquático vem ganhando cada vez mais adeptos no Brasil. O texto destaca a riqueza marinha brasileira e a grande quantidade de naufrágios ocorridos em nossa costa. Na matéria publicada não está explícito se o turismo subaquático engloba as distintas tipologias de mergulho ou se somente se trata de mergulho recreativo (scuba). Embora acreditemos que para a realização de mergulho nos naufrágios listados na

¹¹ A ABNT apresenta um conjunto de normas relacionadas com os serviços de mergulho recreativo: ABNT NBR ISO 24801-1:2008, *Serviços de mergulho recreativo – Requisitos mínimos relativos à segurança para o treinamento de mergulhadores autônomos – Parte 1: Nível 1 – Mergulhador supervisionado*; ABNT NBR ISO 24801-2:2008, *Serviços de mergulho recreativo – Requisitos mínimos relativos à segurança para o treinamento de mergulhadores autônomos – Parte 2: Nível 2 – Mergulhador autônomo*; ABNT NBR ISO 24801-3:2008, *Serviços de mergulho recreativo – Requisitos mínimos relativos à segurança para o treinamento de mergulhadores autônomos – Parte 3: Nível 3 – Condutor de mergulho*; ABNT NBR ISO 24802-1:2008, *Serviços de mergulho recreativo – Requisitos mínimos relativos à segurança para o treinamento de instrutores de mergulho autônomo – Parte 1: Nível 1*; ABNT NBR ISO 24802-2:2008, *Serviços de mergulho recreativo – Requisitos mínimos relativos à segurança para o treinamento de instrutores de mergulho autônomo – Parte 2: Nível 2*; ABNT NBR ISO 24803:2008, *Serviços de mergulho recreativo – Requisitos para prestadores de serviços de mergulho autônomo recreativo*.

¹² Como observado anteriormente como modalidades distintas (*snorkelling* e mergulho livre). No Brasil, autores e praticantes não apontam definições específicas para cada uma dessas modalidades. Elas são englobadas juntas sendo chamadas erradamente de mergulho em apneia ou mergulho livre.

matéria seja imprescindível o uso de equipamento scuba, tal afirmação não está clara no texto.

Devido ao grande crescimento da atividade de turismo de mergulho no Brasil e no mundo, os atuais conceitos, definições e estudos de segmentação mercadológica não apresentam um foco específico em turismo de mergulho. Pode-se observar que há uma tendência para a segmentação da atividade de mergulho recreativo como sendo turismo de esporte de aventura ou ecoturismo. Para Garrod (2008), essas propostas tipológicas ligadas ao ecoturismo e turismo de aventura não percebem as especificidades do mergulho como atividade de recreação e de certa forma não produzem um conhecimento mais aprofundado do turismo como meio de participar dessa atividade.

5. Considerações Finais

As relações entre a atividade de mergulho e o fenômeno turístico ainda carecem de definição que levem em consideração a diversidade tipológica de práticas e a complexidade que envolve relações do turismo em nível local, regional e global.

O conceito *dive tourism* (Turismo de Mergulho), embora haja uma maior discussão em nível internacional, está pouco difundido e discutido em nível nacional. Pode-se notar que, além de divergências conceituais relativas à complexidade tipológica das práticas de mergulho, há divergências de nomenclatura e de tradução. Enquanto a ABETA classifica como turismo de mergulho, a “Carta da Ilha Anchieta” classifica como mergulho recreativo de turismo e lazer e o Ministério do Turismo classifica como turismo subaquático.

Pôde-se perceber que a prática de mergulho tem grande influência na tomada de decisão de viagens a turismo. Ou seja, somando-se ao crescimento da atividade à imponente potencialidade da costa e de rios e lagos brasileiros. O país tem uma grande oportunidade para desenvolvimento do que entendemos como turismo de mergulho. Dessa maneira, se faz mister aprofundar as discussões acerca do turismo de mergulho e suas variantes. Esperamos que este ensaio possa auxiliar no fomento da discussão teórica do turismo de mergulho.

Referências:

ABETA; Ministério do Turismo. Diagnóstico do turismo de aventura no Brasil - Série Aventura Segura. Belo Horizonte: Ed. dos autores, 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 24803: Serviço de mergulho recreativo – requisitos para prestadores de serviços de mergulho autônomo recreativo. Rio de Janeiro, 2008.

CARTA DA ILHA ANCHIETA. Mergulho recreativo, turístico e de lazer em unidades de conservação. <Disponível em http://www.brasilnetwork.tur.br/brnetwork/export/sites/default/bn/arquivos/ExcelenciaTurismo/ExTurismo_2005/Mexico/relatorios/mexico_relatorio_parte3.pdf> Acesso em 10 ago. 2012.

Dimmock, K. Scuba diving, snorkeling and free diving in G Jennings (ed.), *Water-based tourism, sport, leisure, and recreation experiences*. Kindle version, 2007.

GARROD, B., Gössling, S. New frontiers in marine tourism: diving experiences, sustainability, management. Kindle version, 2008.

McARDLE, W.D., KATCH, F.I. & KATCH, V.L. Fisiologia do Exercício: energia, nutrição e desempenho humano. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara & Koogan, 2001.

Ministério do Turismo. Caderno de subsídios - Viagem Técnica México. Brasília, junho 2005.

ORAMS, M. Marine Tourism: Development, Impacts and Management. Kindle version, 1999.

PADI. Worldwide Corporate Statistics 2011. Disponível em: <http://www.padi.com/scuba/uploadedFiles/Scuba_Do_not_use_this_folder_at_al/About_PADI/PADI_Statistics/2011%20WW%20Statistics.pdf> Acesso em 09 ago. 2012.

PEDRINI, A. de G. et al. Gestão de Áreas Protegidas e efeitos da visitação ecoturística pelo mergulho com snorkel: o caso do Parque estadual da Ilha Anchieta(PEIA), estado

de São Paulo, Brasil. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. 20, p. 1-20, 2008.

Portal Cousteau Web. Costeau Technology. Disponível em:
<<http://www.cousteau.org/technology/aqua-lung>> .Acesso em: 10 jun. 2012.

ROUPHANEL, A.B. & INGLIS, G.J. Impacts of recreational scuba diving at sites with different reef topographies. Biological Conservation, Vol. 82 pag. 329-336, 1997.

Turismo Subaquático - Uma viagem ao fundo do mar. Disponível em:
<<http://www.turismobrasil.gov.br/promocional/noticias/detalhe/20120321-2.html>>
Acesso em : 01 abr. 2012

WTO. Tourism 2020 vision. Vol. 7. Global forecasts and profiles of Market segments. Madrid, WTO, 2001.